

## Prefácio

Gilberto Hochman

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HOCHMAN, G. Prefácio. In: SOUZA, CMC. *A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, pp. 13-15. História e saúde collection. ISBN: 978-85-7541-538-2. Available from: doi: [10.747/9788575415382](https://doi.org/10.747/9788575415382). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/fv3c6/epub/souza-9788575415382.epub>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Prefácio

O ano de 1918 foi vertiginoso. As esperanças trazidas pelo final da Guerra e o cessar da matança nos campos de batalha da Europa foram acompanhadas pela dança mórbida da *Espanhola*. A pandemia de influenza não deixou territórios e populações sem algumas de suas terríveis marcas. Adoecimento, sofrimento e morte de milhões tornaram essa epidemia um fenômeno ao mesmo biológico, social e político e sua escala foi global. No Brasil, seus primeiros sinais foram aparentemente dados pelas mortes de tripulantes dos navios enviados em missões médico-militares na costa da África. Entre setembro e novembro, a epidemia assolou e paralisou as duas principais cidades do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Ao caos sanitário e desordem social daqueles meses agregou-se uma crise política. O paulista Rodrigues Alves, reconduzido à presidência da República nas eleições de outubro, adoeceria e morreria de complicações da gripe em janeiro de 1919 antes mesmo de tomar posse. Foram tempos ao mesmo tempo de medo, fuga, mobilização, heroísmo e solidariedade. A epidemia revelava vícios e virtudes da sociedade brasileira. Enfim, 1918 deveria ter sido um ano inesquecível na história do Brasil e do mundo.

O tema das epidemias tem freqüentado a agenda da história social da saúde e das ciências, mas, surpreendentemente, até recentemente a pandemia de gripe não foi objeto de escrutínio exaustivo de historiadores

brasileiros e estrangeiros. A “pandemia esquecida”, nas palavras do historiador Alfred Crosby, começou a ser sistematicamente conhecida a partir de meados da década de 1990, em particular a partir da reflexão sobre a epidemia de HIV/AIDS, com trabalhos que versam sobre as diversas experiências nacionais e locais da crise epidêmica, as respostas da comunidade médica e científica ao problema; as estratégias sociais de proteção e cuidado; o funcionamento das instituições e dos serviços sanitários durante a epidemia e os impactos políticos da influenza maligna. No Brasil, desde o trabalho pioneiro de Bertolli Filho sobre São Paulo – realizado em 1986 e publicado em 2003, um bom número de artigos, livros, dissertações e teses tem perscrutado a gripe espanhola no Brasil com trabalhos que nos mostram um evento sociobiológico que ganha características locais. A espanhola de 1918 tem também atraído a atenção de jornalistas, epidemiólogos e profissionais de saúde em busca de conhecimento e de lições com essa experiência de evento epidêmico de escala global. Os surtos de Gripe Aviária, da Gripe Suína (H1N1) e da SARS, e a ameaça de bioterrorismo no início deste milênio, que concretizam real ou imaginariamente o retorno de uma nova pandemia de influenza em um mundo cada vez mais interconectado, têm promovido a aproximação entre história e saúde pública.

Originalmente concebido como uma tese de doutorado, este livro de Christiane M. Cruz de Souza sobre a gripe espanhola na Bahia é mais um passo à frente na reflexão sobre epidemias e história. É um monumental trabalho de pesquisa, pelo qual a autora produziu um belo e inédito mosaico composto por uma variedade de fontes como jornais e periódicos de Salvador e do interior da Bahia, livros de enterramentos, relatórios oficiais, fotografias, arquivos de hospitais, de instituições médicas e de saúde pública. Se o ânimo pela busca da documentação sustentou a pesquisa, o delicado artesanato na produção dessa narrativa provoca o interesse, a surpresa e mesmo a compaixão pelos que sofrem nos tempos de epidemia. *A Gripe Espanhola na Bahia* é um bom exemplo de história social da saúde que dialoga com a bibliografia brasileira e internacional sobre epidemias e sobre a influenza, permite compreender as especificidades locais ao mesmo tempo em que franqueia os leitores a fazer comparações e compreender essa epidemia na Bahia em perspectiva global.

A leitura deste livro já seria obrigatória pelo inédito de nos apresentar a epidemia de 1918 em Salvador – em um retrato não belo, mas

também por permitir que possamos segui-la pelo Recôncavo e pelos sertões da Bahia, sendo este capítulo um dos pontos altos do trabalho. E ao segui-la nos trilhos dos trens, somos apresentados a um panorama inédito da saúde e da assistência no interior da Bahia da década de 1910. Nos chama a atenção para o fato que a epidemia na Bahia não teve, de longe, a mesma mortalidade de São Paulo, Rio de Janeiro ou mesmo de Recife. Isso não tornou menos importante a epidemia na Bahia. O que importa não é o número de mortos, mas o sofrimento e medo dos que adoeceram e dos que viveram sob sua ameaça. Se nos mostra com brilhantismo e angústia as cores e dores da chegada, da passagem e do término da gripe espanhola em terras baianas, Christiane também nos revela, de modo arguto, inúmeras facetas da sociedade, da política e da saúde na Bahia por meio da dança mortal da Espanhola.

A epidemia, como crise, desvelou o facciosismo que politizou a gripe na Bahia da Primeira República, descortinou o alcance e os limites dos serviços sanitários, assinalou as complexas relações entre Salvador e a capital federal em termos de saúde, descobriu as oportunidades que a gripe oferecia ao mercado de curas, evidenciou a capacidade de mobilização social em Salvador, apontou as certezas, as dúvidas e a impotência da tradicional comunidade médica baiana, indicou as estruturas de acolhimento e cuidados dos vários grupos étnicos-religiosos e acusou a desigualdade no adoecimento e na morte.

Seguindo a melhor história social e política, e os passos do historiador Charles Rosenberg, a autora nos apresenta e ao mesmo tempo articula a epidemia, cultura e sociedade na Bahia da chamada República Velha. Ao final, é pelas terras baianas que sabemos mais e compreendemos melhor a gripe, as epidemias e, principalmente, a medicina e a sociedade brasileira do início do século XX e também os nossos desafios para o futuro. Em um mundo que parece esperar ansioso pela “próxima peste”, este livro é o melhor resultado e a grande contribuição que uma historiadora como Christiane M. Cruz de Souza pode nos oferecer.

*Gilberto Hochman*

Pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.